

ambiente



Projeto Bolsa Floresta, destinado a populações ribeirinhas do Amazonas, fez parte de auditoria in loco recente do TCU. Alberto César Araújo/Folhapress

Salles diz que quer mudar o Fundo Amazônia e surpreende doadores

Maior doador da verba para proteger floresta, Noruega afirma que não foi contatada

Philippe Watanabe e Fabiano Maisonnave

SÃO PAULO ELIMA O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, afirmou nesta sexta (17) ter encontrado irregularidades em contratos de ONGs com o Fundo Amazônia e quer mudanças na escolha dos projetos beneficiados.

O anúncio, feito em entrevista coletiva em São Paulo, no auditório do Ibama, porém, pegou de surpresa Noruega e Alemanha, os dois países doadores do Fundo Amazônia, que é gerido pelo BNDES. No mesmo dia, a chefe do departamento de meio ambiente e responsável pelo fundo no banco, Daniela Bacças, foi afastada de seu cargo. A informação foi confirmada por Arthur Koblit, vice-presidente da AFBNDES (Associação dos Funcionários do BNDES). A associação pediu uma reunião para esclarecer o tema.

O fundo é o maior projeto de cooperação internacional para preservar a floresta amazônica. Em dez anos, recebeu R\$ 3,1 bilhões em doações — 93,3% desse dinheiro veio da Noruega. O valor é repassado a estados, municípios, universidades e ONGs. Tanto Noruega quanto Alemanha desmentiram a afirmação de Salles de que estavam cientes desde o início das informações apresentadas à imprensa. “Ontem conversei com eles sobre a informação de hoje. Eles têm acesso inteiro em uma profundidade que nós não podemos divulgar”.

Segundo o ministro, as conversas com os países doadores do fundo devem ser aprofundadas na próxima semana. “Não recebemos nenhuma proposta das autoridades brasileiras para alterar a estrutura de governança ou os critérios de alocação de recursos do Fundo”, afirmou, em nota, a embaixada da Noruega em Brasília.

A Folha apurou que a Alemanha tampouco foi informada com antecedência sobre o teor da entrevista coletiva. Nela, Salles afirmou que a análise de contratos do fundo com entes governamentais e

De onde vem a verba para o fundo

A quantia destinada ao Fundo Amazônia é calculada a partir das taxas de desmatamento

R\$ 3,1 bilhões
Doações recebidas pelo Fundo Amazônia em dez anos

Doadores

93,3% (R\$ 2,9 bi) - Noruega
6,2% (R\$ 192,7 mi) - Alemanha
0,5% (R\$ 16,1 mi) - Petrobras

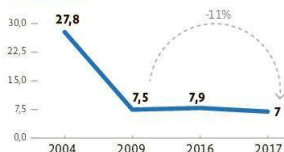
58% foi a redução do aporte norueguês em 2017 em comparação ao ano anterior

95 é o número de projetos apoiados pelo Fundo Amazônia



Desmatamento da Amazônia

Em milhares de km²



Fonte: Relatório de Atividades de 2016 e de 2017 do Fundo Amazônia e Inpe (Instituto de Pesquisas Espaciais)

ONGs encontrou problemas como concentração de recursos em pagamento de pessoal, gestão, viagens e treinamento. Ele afirmou que no universo dos contratos analisados há uma concentração média de 40% a 60% em gastos dos contratos com mão de obra. “Isso não parece uma absorção muito elevada”, diz Salles. “Há destinações importantes [entre os contratos], mas há falta de estratégia na escolha desses projetos, eles não conversam entre si”.

Apenas 25% dos contratos do Fundo Amazônia foram analisados, segundo Salles. O ministro não citou as entidades analisadas e não especificou como os contratos foram escolhidos para a análise. No ano passado, o TCU (Tribunal de Contas da União) realizou uma auditoria no fundo e concluiu que, “de maneira geral, os recursos do Fundo Amazônia estão sendo utilizados de maneira adequada e contribuindo para os objetivos para o qual foi instituído”.

A auditoria do tribunal analisou o uso e a atuação de entidades e de um projeto do governo do estado do Pará. “Os projetos desenvolvidos pelas instituições do terceiro setor amostrados ocorrem em lugares longínquos, mais precisamente em áreas remotas da região amazônica. São lugares extremamente carentes onde a presença do Estado é mínima. No contato com as comunidades abrangidas nesses projetos percebi-se a importância das ações desenvolvidas, bem como a seriedade com as quais são executadas, com a produção de resultados efetivos para as comunidades beneficiadas”, afirma o relatório do TCU.

Em fevereiro, Salles disse que acionou a CGU (Controladoria Geral da União) para obter documentos sobre o Fundo Amazônia. Nesta sexta (17), afirmou que a análise feita pelo MMA será repassada à CGU, ao TCU e ao BNDES, órgãos que poderiam tomar ações concretas. “Não vamos recomendar [o que fazer] porque não é o nosso papel. Levantamos as fra-

gilidades”, disse o ministro do Meio Ambiente.

Questionada pela reportagem, a CGU afirmou que não se envolveu na análise do MMA. “A CGU não efetuou testes de auditoria sobre esses contratos ou avaliou os resultados que serão apresentados. As conclusões são de exclusiva responsabilidade do MMA”, afirma em nota. Salles também reconheceu o impacto de alguns projetos, mas disse que a diminuição do desmatamento associado ao fundo é uma “questão interpretativa”, sem comprovação. O ministro diz querer melhorar ferramentas de mensuração de impacto.

O ministro e o presidente Jair Bolsonaro têm lançado reiterados ataques contra ONGs, principalmente as que atuam na Amazônia. “A [terra indígena] Yanomâmi é riquíssima. Por isso que tem ONG dizendo que tá defendendo índio lá. Se fosse uma terra pobre, não teria ninguém lá”, disse o presidente, no final de abril, em pronunciamento ao lado de indígenas.

“Como é rica, tá lá esses picaretas internacionais [sic], picaretas dentro do próprio Brasil, picaretas dentro do governo dizendo que protegem vocês”, completou.

Em 2 de janeiro, Bolsonaro incluiu nas atribuições da Secretaria de Governo, a cargo do general Carlos Alberto Santos Cruz, o monitoramento de ONGs e organismos internacionais. A modificação está na medida provisória 872, em tramitação no Congresso.

“O conjunto de ilações feitas por Salles e seu ataque a mais uma instituição ambiental alimenta a desconfiança nos doadores e o resultado pode ser o fim dos repasses ao Brasil”, afirma em nota o Observatório do Clima, uma rede de 47 organizações da sociedade civil, incluindo WWF e ISA (Instituto Socioambiental). “As regras rígidas do Fundo Amazônia foram criadas pelo BNDES para dar segurança aos doadores de que não haveria ingerência política no fundo”.

Colaborou Italo Nogueira

saúde

Sobrepeso na adolescência cria risco cardíaco semelhante ao da obesidade

Elton Alisson

SÃO PAULO | AGÊNCIA FAPESP Um estudo feito por pesquisadoras da Unesp (Universidade Estadual Paulista) sugere que adolescentes com sobrepeso têm risco aumentado de desenvolver doenças cardiovasculares tanto quanto jovens obesos.

Testes de desempenho cardíaco feitos com voluntários entre 10 e 17 anos revelaram que os dois grupos — sobrepeso e obesidade — apresentam resultados muito parecidos.

A pesquisa teve apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e foi publicada na revista científica *Cardiology in the Young*. Participaram do trabalho cientistas da Kenesaw State University, dos Estados Unidos, e da Faculdade de Juazeiro do Norte, no Ceará.

Os pesquisadores dividiram 40 adolescentes em dois grupos, com meninos e meninas na mesma proporção e com diferentes valores de escore-z — escala usada no diagnóstico nutricional de crianças e adolescentes baseada no número de desvios padrão acima ou abaixo da média da população na mesma idade.

Os jovens foram submetidos a um protocolo de exercícios físicos moderados, que incluía caminhada de 20 minutos em uma esteira sem inclinação. O objetivo era alcançar 70% da frequência cardíaca máxima estimada para a faixa de idade.

Aváriabilidade da frequência cardíaca dos adolescentes foi medida antes e depois do exercício, a fim de avaliar a velocidade de recuperação cardíaca autonômica na sequência da atividade física. Essa medida permite analisar o risco de uma pessoa apresentar uma complicação cardiovascular imediatamente após uma atividade física e também estimar o risco de vir a ter uma doença cardiovascular no futuro.

Estudos publicados nos últimos anos indicaram que, quanto maior é o tempo que o sistema nervoso autônomo demora para se estabilizar após o exercício e recuperar a frequência cardíaca normal, maior também é a predisposição para doença cardiovascular ou metabólica, explicou Valenti.

As análises da variabilidade da frequência cardíaca dos adolescentes com sobrepeso e obesos revelaram que não houve diferença significativa entre eles.

Os resultados das análises estatísticas também indicaram que não houve diferença na variabilidade da frequência cardíaca das meninas em comparação com a dos meninos.

“A média das variáveis do sistema nervoso autônomo foi praticamente igual para os dois grupos de adolescentes, independente do sexo”, afirmou Vitor Enggracia Valenti, professor da Unesp de Marília e coordenador da pesquisa.

“Essas evidências sugerem que os adolescentes com sobrepeso têm a mesma predisposição, ou uma vulnerabilidade muito parecida com a de obesos, de desenvolver uma doença cardiovascular, como hipertensão e insuficiência cardíaca, além de distúrbios metabólicos, como diabetes, dislipidemia e alterações nos níveis de triglicídeos e de colesterol”, disse.

O número de adolescentes obesos aumentou em todo o mundo nos últimos 40 anos. Nos países desenvolvidos, a taxa de obesidade nesse grupo cresceu entre 30% e 50% por década, segundo estudos recentes. No Brasil, a tendência não é diferente.